



DISTRIBUIÇÃO GRATUITA - VENDA PROIBIDA - RIO DE JANEIRO, 19 DE MAIO DE 2024

# JORNAL DOS SPORTS

DESDE 1931



INSTAGRAM.COM/JORNAL.DOS.SPORTS

Nº 30

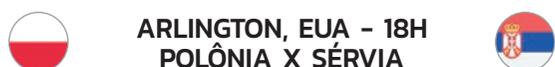
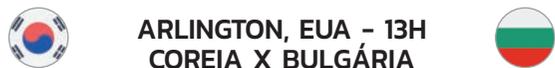
CONTATO@JORNALDOSSPORTS.RIO.BR



# PRA DAR LIGA

**SHEILLA SONHA COM OURO EM PARIS E  
FABI RELEMBRA BI OLÍMPICO**

**LIGA DAS**  
**NAÇÕES 2024**  
**FEMININA**

**VOLLEYBALL**  
**NATIONS LEAGUE**
**PRÓXIMAS RODADAS**
**28/05/2024**

**29/05/2024**

**30/05/2024**


**Artes e diagramação:** Fábio Mendes  
**Textos e entrevistas:** Belle Suarez  
**Envio de material e sugestões:**  
 contato@jornaldossports.rio.br  
**Anuncie no Jornal dos Sports**  
 comercial@jornaldossports.rio.br  
**DISTRIBUIÇÃO GRATUITA - VENDA PROIBIDA**

Colunista convidado

**Guilherme Schleder**

**A Copa do Mundo é nossa!**

Olá, amantes do JS,

A Copa do Mundo Feminina é nossa! A coluna de hoje é para celebrar, junto com todos vocês, mais esta grande conquista da cidade do Rio de Janeiro e do Brasil. Vencemos a concorrência e seremos a sede da Copa do Mundo Feminina de Futebol 2027! O anúncio foi feito na madrugada da última sexta-feira, durante o Congresso da FIFA, realizado em Bangkok, na Tailândia. E quero aproveitar para compartilhar um pouco dos bastidores desta vitória. Já que tudo começou aqui...

Mais precisamente em janeiro de 2023, com um estudo detalhado do “Mapa de Oportunidades para o Rio de Janeiro nos próximos 10 anos”, apresentado pelo Rio Convention & Visitors Bureau (Rio CVB/Visit Rio), em parceria com a Prefeitura do Rio de Janeiro, que teve como objetivo identificar oportunidades e atrair negócios para a cidade. E a Copa do Mundo Feminina foi um dos 73 eventos esportivos mapeados. A CBF, então, prontamente se manifestou favorável à iniciativa e, em carta enviada para a prefeitura, oficializou a intenção de organizar este grande evento. Este esforço conjunto foi fundamental para garantir que o Rio de Janeiro estivesse entre as principais cidades na disputa.

Além disso, alguns outros fatores foram decisivos para que o Rio conseguisse a melhor avaliação possível: Nossos estádios, a excelente rede hoteleira e os locais oferecidos para que a FIFA possa organizar o Fan Festival. Calma, as notícias ainda vão me-

lhorar... As partidas de abertura, no dia 24 de junho, e a grande final, no dia 25 de julho, serão realizadas no nosso templo do futebol, o estádio mais emblemático do mundo, o Maracanã.

Como anfitrião da competição, o Brasil já está automaticamente classificado. Será mais uma oportunidade para mostrarmos ao mundo a nossa paixão pelo futebol. E, é claro, reforçar a nossa vocação para o turismo, com toda a hospitalidade e beleza da nossa Cidade Maravilhosa. A expectativa está alta e tenho certeza de que iremos sediar uma Copa do Mundo com excelência, mais uma vez.

A escolha do Rio de Janeiro é um reconhecimento do trabalho árduo e da dedicação na Copa de 2014 e nos Jogos Olímpicos de 2016. E mostra que parcerias bem estruturadas entre gestão pública, entidades esportivas e iniciativa privada, sempre dão certo.

Agora é dentro de casa, vamos com tudo!

Antes de me despedir, não poderia encerrar esta coluna sem fazer a minha homenagem ao grande “Apolinho” Washington Rodrigues. Gênio do jornalismo esportivo. Descanse em paz, Apolinho. Seu trabalho está eternizado nas lembranças de todos os amantes de futebol. E parabéns ao prefeito Eduardo Paes pela iniciativa de batizar a Vila Olímpica da Gamboa. Agora ela se chama: Vila Olímpica Radialista “Apolinho” Washington Rodrigues.

Até a próxima, e continuem acompanhando as novidades aqui no JS.

Grande abraço!


**ACESSE NOSSAS REDES SOCIAIS,**  
**PODCAST E CANAL NO YOUTUBE!**


# RUMO À MEDALHA INÉDITA!

O Jornal dos Sports também é “vôleifã”! Hoje, domingo, dia 19 de maio, teremos o duelo entre Brasil e Sérvia pela Liga das Nações de Voleibol (VNL) na nossa casa, o Maracanãzinho. A partir das 10h, as equipes se enfrentam e encerram a primeira semana de competição.

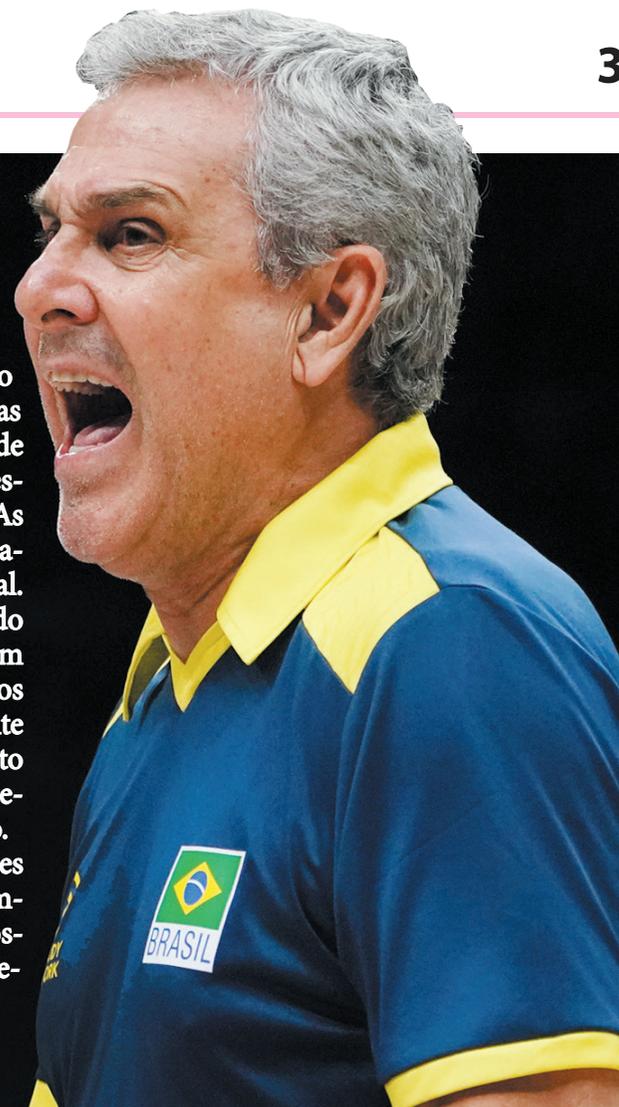
O Brasil vem de uma sequência de 3 vitórias. No primeiro jogo, enfrentou o Canadá, vencendo por 3 sets a 1 (26/24, 23/25, 26/24 e 25/12). Na segunda partida, uma vitória tranquila por 3 sets a 0 sobre as sul-coreanas (25/15, 25/19 e 25/17). O terceiro desafio foi contra as norte-americanas e deu Brasil: 3 sets a 1 em uma aula de voleibol (25/22, 25/16, 18/25 e 25/19), quebrando um tabu de quase 5 anos sem vencê-las.

A 6ª edição da VNL reúne 16 equipes, de acordo com o ranking da FIVB. A primeira fase da competição é disputada a cada 3 semanas, com uma semana de intervalo entre

elas. As seleções se reúnem para jogos no intervalo de uma semana, divididas em duas sedes, com oito times em cada sede. O Rio de Janeiro e a cidade de Antalya, na Turquia, estão recebendo o torneio na primeira fase. As 8 melhores equipes avançam para as eliminatórias, que já começam nas quartas-de-final. O Brasil nunca venceu o torneio, batendo na trave 3 vezes (2019, 2021 e 2022). Além de preencher as últimas vagas para os Jogos Olímpicos de Paris 2024, é um importante teste para as comandadas de José Roberto Guimarães, que já estão com o passaporte separado em busca do terceiro ouro olímpico.

O Jornal dos Sports trouxe duas craques para a resenha de hoje. Fabi e Sheilla, bicampeãs olímpicas na modalidade, foram as nossas convidadas para esta edição especial dedicada ao voleibol feminino brasileiro.

**Onde assistir:** Tv Globo e SporTv



MAURÍCIO VAL/FV IMAGENS/CHY

17 anos separam Ana Cristina, ponteira de 20 anos, e Thaísa, central bicampeã olímpica – Thaísa completou 37 anos no último dia 15.

17 anos. Quase a maioridade civil. Mas o conflito de gerações não impede a união da jovem e da veterana pelo mesmo objetivo: conquistar um título inédito para o Brasil, a VNL!

A vontade de vencer é o elo que liga todas as jogadoras da seleção brasileira feminina de vôlei. Atletas com perfis tão diferentes, que se respeitam fora de quadra e buscam se completar com a bola em jogo.

A maturidade da capitã Gabi, que chega aos 30 anos no auge da carreira e mantém o carisma de uma menina sapeca; a doçura da Macris ao falar, que contrasta com sua ousadia e coragem ao distribuir as jogadas; a organizada Rosamaria, que não gosta de nada no quarto fora do lugar, mas se permite abrir mão de tanto controle em quadra pra jogar também com emoção! Se cada uma carrega, no dia a dia, suas diversas versões, cabe ao técnico Zé Roberto Guimarães encontrar



Colunista convidada  
**Bruna Dealtry**

## A alquimia da medalha de ouro

a harmonia perfeita.

O experiente treinador quer usar a Liga das Nações para encaixar as peças, da melhor maneira possível, para os Jogos Olímpicos. Já avisou que vai fazer algumas experiências, misturar toda essa diversidade de opções até encontrar a sintonia ideal. A alquimia certa para vencer ele conhece, como poucos.

As jogadoras enxergam o caminho de um

jeito mais simples, linear: querem derrubar todas as adversárias que aparecerem pela frente. O desejo de levantar o troféu da VNL é ecoado por elas como um mantra. Estão engasgadas. O título da competição poderia dar ao grupo a confiança necessária para buscar, também, um ouro olímpico.

Individualmente, temos jogadoras fortes. Referências em seus times. Coletivamente, temos que ajustar muitos detalhes. Elas vieram de clubes de diferentes partes do mundo. Estilos variados. Precisam de tempo para virar um só grupo novamente. Empenho não falta. Temos capacidade de sobra.

O extenso currículo de Thaísa combina com a missão. Assim como a fome de marcar pontos de Ana Cristina. Mas até pra quem já ganhou de tudo ou pra quem tem energia de sobra, não existe uma fórmula mágica. Elas precisam encontrar o seu próprio jeito de escrever um novo final feliz pra seleção brasileira. Uma combinação de tons em busca do tão desejado dourado.

# MOB B



# MASTER VOLLEY



JORNAL DOS  
**SPORTS**  
DESDE 1931



# IMPLANTAÇÃO DO SUPER CENTRO DE SAÚDE EM BENFICA



ESTAMOS FAZENDO MUITO PELA SAÚDE DO RIO.  
ESSE É UM TRABALHO QUE NÃO ACABA NUNCA.

PREFEITURA  
**RIO**  
A SERVIÇO DE TODO CARIOCA



*Acredito, sim, que temos que pensar na medalha de ouro, sonhar com ela e mirar nela. Esse é o objetivo.*



# SHEILLA SONHA COM OURO EM PARIS

As gerações mais experientes e mais jovens são unânimes ao dizer que ela foi uma das maiores jogadoras de voleibol de todos os tempos. Não à toa foi bicampeã olímpica e venceu incontáveis títulos na sua carreira. Seu legado dura até hoje, inspirando as mais novas e vivenciando a seleção de perto enquanto comissão do técnico José Roberto Guimarães. E dura por conta da responsabilidade que recaiu sobre ela em um momento de reconstrução do voleibol feminino brasileiro. Sheilla conversou com o Jornal dos Sports sobre sua trajetória e o que podemos esperar para este ano olímpico e para a VNL.

Ao ser perguntada sobre a aposentadoria e a forma que o vôlei estava na sua vida, ela entende a importância do seu legado e da sua conexão com a modalidade.

- O vôlei sempre vai fazer parte de mim. Eu não planejei especificamente estar na comissão, mas sempre soube que me manteria conectada de alguma forma. Espero poder ajudar sempre que for chamada. E rolou esse convite do Zé e eu fiquei muito feliz por poder contribuir. A comissão confia muito no potencial dessa seleção e se eu puder ajudar em 0,1% que seja, vou ficar muito feliz.

Sheilla sabe que é inspiração de

muitas gerações. Quando perguntada sobre quem foi sua inspiração, ela também cita uma atleta que também foi referência na modalidade e é muito admirada pelos fãs de voleibol:

- Eu não tive isso de ídolo e tal, mas quando conheci a Fofão e pude jogar com ela no Minas, passei a tê-la como uma referência. Pelo comprometimento, dedicação, a seriedade com que ela encarava cada treino, cada jogo. Então acabou sendo uma inspiração pra mim. Vi nela um exemplo que poderia ser seguido. Depois tive muitas outras oportunidades de dividir a quadra com ela, ainda bem.

A VNL é um torneio novo, que se inspirou na estrutura do antigo Grand Prix, porém com algumas mudanças. O Brasil ainda não conseguiu a tão sonhada medalha de ouro no campeonato, batendo na trave 3 vezes. Sheilla falou sobre o nível de dificuldade do torneio e sobre como a competitividade subiu nos últimos anos.

- O voleibol mudou demais nos últimos anos. São muitos times com condição de ganhar o ouro. Antigamente tínhamos expoentes, hoje não. Mas isso não acontece só no vôlei, mas no esporte de modo geral. Não acredito em mais fácil ou difícil, mas em equilíbrio.

A prata nos Jogos Olímpicos de Tóquio foi muito celebrada. O Brasil fez uma ótima campanha na fase de grupos e acabou perdendo a final para os EUA, que, na época, eram as favoritas para o ouro. O momento da seleção é de renovação, porém misturando com a experiência de jogadoras que atuam há mais tempo. Ao ser perguntada sobre favoritismo e um possível ouro voltando para casa nas Olimpíadas de Paris, Sheilla entende que o favoritismo não está do nosso lado, mas que existe um respeito quando a camisa verde e amarela entra em quadra.

- O Brasil não chega como favorito, mas Brasil é Brasil. Acredito, sim, que temos que pensar na medalha de ouro, sonhar com ela e mirar nela. Esse é o objetivo.



# FABI: ORGULHO DO BI OLÍMPICO

Bicampeã olímpica pelo Brasil (Pequim 2008 e Londres 2012) e considerada por muitos a melhor líbero da história do voleibol mundial, Fabi Alvim, ex-atleta e hoje comentarista da Globo, conversou com o Jornal dos Sports, viajando no tempo e contando um pouco sobre suas experiências nos Jogos Olímpicos com a amarelinha.

## 2008 x 2012:

- Quando você ganha uma medalha de ouro, passa a ser alvo. Seis atletas permanecem de 2008 para 2012, uma mudança de geração, principalmente duas lideranças: Fofão e Walewska saíram da seleção, então aumenta a responsabilidade e a expectativa, a gente passa a ser vidraça. As outras equipes evoluíram. Na época, eram 4, 5 seleções em condições de brigar por medalha. Hoje, temos 6, 7. Começa a ter esse equilíbrio maior na globalização, no crescimento das grandes ligas. Em 2012, o time conseguiu passar por adversidades e, enquanto tivesse chance, a gente ia lutar. A derrota para a Coreia talvez tenha sido o grande baque da classificatória. E quando a gente conseguiu dar um respiro, chegou fortalecido para a final.

FOTOS DE PAULO BARROS/GLOBO



**Tenho muito orgulho de ter feito parte dessas duas medalhas e ter disputado as Olimpíadas vestindo a camisa do Brasil.**



## Experiência e juventude:

- Ajuda para trocar com as debutantes. Nós, as mais velhas, recorremos umas às outras para saber o que cada uma estava vendo. A perspectiva de cada uma sobre os jogos é diferente. Não tínhamos todas as respostas, mas dividimos a responsabilidade nas conversas. E por mais que as mais jovens estivessem vivendo aquilo pela primeira vez, tinham aquele brilho nos olhos por querer brigar por medalha. Elas entenderam a importância de subir ao pódio. É um encontro muito legal entre quem já viveu e quem quer viver aquilo pela primeira vez.

## Rivalidade:

- Joguei as duas finais contra os EUA, que é o time que a gente construiu uma admiração mútua, e final olímpica, por si só, já é um enredo suficiente para criar essa rivalidade, mas de forma muito respeitosa. Muitas atletas americanas jogaram no Brasil. Nos bastidores, tínhamos uma relação super cordial. O maior adversário nas 2 edições, e principalmente porque a final de Mundial foi contra elas, foi a Rússia. Era algo mais formal, uma relação bem distante. Hoje é um pouco mais próximo. As jogadoras brasileiras foram jogar a liga russa, o que facilitou, mas sempre foi o nosso grande rival.

## Medalha favorita?

- Difícil, elas contam histórias diferentes. A de 2008 encerra alguns assuntos, recheada de mulheres incríveis que iniciaram essa trajetória em 80, abriram caminhos e demonstraram força. Em uma época não tão profissional, com pouca estrutura, que ia mais para o masculino. Tinha uma questão de gênero também. É importante por ser a primeira. A de 2012, pela história mais difícil, tem sabor de afirmação. É sobre permanecer no topo. As duas me levam até Irajá, onde eu batia bola inspirada pela geração de Barcelona, sem imaginar que um dia isso aconteceria comigo. É quase como uma relação de filhos. Não tem como ter uma predileção. Duas medalhas que conversam com o esporte, mas também debatem temas relevantes. Simbolismos importantíssimos quando a gente fala de mulher no esporte. Tenho muito orgulho de ter feito parte dessas duas medalhas e ter disputado as Olimpíadas vestindo a camisa do Brasil.

